



v. 17, n. 33, Jan./Jun. 2026 – TOMO I

Dossiê: *50 anos sem Heidegger? Técnica, obra de arte e diferença ontológica*

EDITORIAL

50 ANOS SEM HEIDEGGER? TÉCNICA, OBRA DE ARTE E DIFERENÇA ONTOLÓGICA

Clécio Luiz Silva Júnior*

A ocasião do simpósio dedicado a Martin Heidegger, sob o tema “50 anos sem Heidegger?”, está longe de constituir um acontecimento meramente contingente ou casual; diga-se, antes disso, que o simpósio marca um caráter profundamente necessário: a primeira metade do século XXI, embora os sinais desse processo já se deixassem perceber desde as últimas décadas do século XX, tornou explícita uma crise radical no estatuto da verdade, uma crise que atravessa simultaneamente a epistemologia, a política, a técnica, a linguagem, a arte e a própria experiência do real.

Heidegger já nos havia alertado de modo quase profético – quer dizer, ao modo de quem, mergulhado a fundo no presente, anuncia os efeitos do futuro – , desde seu seminal *Ser e tempo* (1927), que vivemos uma época em que a proliferação exponencial das máquinas, dos algoritmos, das redes digitais, dos dispositivos técnicos de produção e circulação de informação instaurava um cenário inteiramente novo para o pensamento, um cenário em que a verdade parecia perder progressivamente sua legitimidade e sua dimensão de comunidade e partilha, dissolvendo-se num horizonte que se constitui mais e mais por discursos e narrativas fragmentadas. Torna-se impossível não recordar aqui as análises de Jean-François Lyotard, de 1979, acerca da condição pós-moderna, sobretudo quando ele diagnostica a crise da verdade que, se em Heidegger consiste no problema do “esquecimento do ser”, para o autor francês consiste na crise da linguagem e dos grandes relatos de legitimação do saber.

Tudo isso é um problema nosso e temos de nos haver com isso. O problema contemporâneo já não consiste apenas em determinar o que é verdadeiro, mas em compreender

* Doutor em Filosofia pela UFRJ. Mestre em Filosofia pela UFOP. Professor do Departamento de Filosofia da PUC Minas. E-mail: cleciolsjunior@gmail.com.

como a própria possibilidade da verdade se fragiliza num mundo em que os discursos circulam instantaneamente e disputam entre si não necessariamente pela sua consistência ontológica, mas pela eficácia de sua difusão técnica. A maquinação, a *Gestell* enquanto um modo de desvelamento, monopoliza, à sua maneira, os modos do aparecer, fazendo perceber a técnica apenas como algo à mão, como algo de útil, sem que a essência da técnica possa ser considerada como um modo legítimo de desvelamento possível.

Nesse sentido, o tema da verdade se torna, para nós, filósofos e filósofas, uma questão central e incontornável, fundada na tarefa de recolocar a questão da verdade no centro da formação intelectual contemporânea. Se nos atentarmos bem para os modos de ser das sociedades capitalistas do nosso século, perceberemos sem muito esforço que o problema fundamental do século XXI talvez não seja simplesmente o problema do erro, da falsidade ou da mentira em sentido clássico: a questão não reside unicamente na produção das verdades, mas no modo como elas são difundidas, consumidas e assimiladas no interior da lógica e da técnica contemporâneas. Também não será muito difícil de percebermos que uma certa miniaturização da realidade operada pelos dispositivos móveis, pelas plataformas digitais, pelas redes algorítmicas e pelos próprios modos de uso da linguagem modificam estruturalmente a própria experiência do aparecer; o mundo passa a apresentar-se sob a forma fragmentária de fluxos instantâneos de informação, de imagens e de interpretações continuamente renovadas, breves e sem claro fundamento e, em consequência disso, a verdade corre o risco de reduzir-se à visibilidade momentânea, ao impacto performático ou à simples repetição massiva.

Para mantermos fidelidade ao que Martin Heidegger nos propõe ao longo de sua jornada filosófica, precisamos ter em mente que o problema contemporâneo não é apenas epistemológico; ele é ontológico: o que está em jogo é o próprio modo como os entes aparecem, se mostram e se deixam compreender no interior da abertura histórica do *Dasein* no tempo. É certamente nesse ponto que o pensamento de Heidegger se reatualiza: mais *50 anos sem Heidegger poderia nos custar muito caro!*

Ainda na primeira metade do século XX, considerando os *Beiträge zur Philosophie (Vom Ereignis)* e o *Grundfragen der Philosophie*, notamos que Heidegger já falava da necessidade de um outro início do pensamento (*der andere Anfang*), de uma superação da metafísica ocidental e de uma retomada da questão do ser para além do domínio técnico-calculador que estruturava a (pós)modernidade. Hoje somos mais capazes de perceber que não apenas o pensamento necessita de um outro início, mas também tudo aquilo que o próprio pensamento ocidental produziu e segue produzindo requer *der andere Anfang*.

Retornar hoje a Heidegger, por fim, não constitui um exercício arqueológico de história da filosofia, mas uma exigência profunda do pensamento. A questão da verdade em Martin Heidegger constitui uma das mais profundas e decisivas inflexões da filosofia contemporânea, precisamente porque seu pensamento não procura responder, como fizera quase toda a tradição metafísica ocidental, à pergunta epistemológica acerca de *como* conhecemos a verdade, mas, antes disso, procura recolocar a questão ontológica mais originária: o que é a verdade em seu próprio ser? Como a verdade constitui horizontes de possibilidades para cada *Dasein* que somos nós? É em tal horizonte que o §44 de *Ser e Tempo* se torna um dos lugares centrais de toda a ontologia heideggeriana, pois ali Heidegger empreende a tarefa de destruição (*Destruktion*) da tradição metafísica da verdade, isto é, uma desconstrução de seus pressupostos ontológicos mais silenciosos, mostrando que aquilo que durante séculos foi tomado como evidente – a definição da verdade como adequação entre intelecto e coisa – repousa sobre um fundamento mais originário jamais verdadeiramente interrogado.

Em vista disso, esta publicação não pretende simplesmente reafirmar a atualidade de Heidegger nem promover uma homenagem retrospectiva ao filósofo cinquenta anos após sua morte em 26 de maio de 1976; seu propósito mais insigne consiste em assumir, no interior de nossa própria situação histórica, a exigência de pensar aquilo que Heidegger nunca cessou de indicar: que a verdade, antes de constituir um atributo do juízo ou um problema exclusivamente epistemológico, é o acontecimento originário da abertura em que os entes podem vir ao encontro do *Dasein* e mostrar-se como são. Numa época em que a expansão planetária da técnica tende a reduzir o aparecer à mera disponibilidade e à exposição incessante, retornar à questão da verdade como ἀλήθεια significa preservar a possibilidade mesma de uma relação mais originária com o ser. Talvez seja precisamente essa a tarefa que se impõe ao pensamento contemporâneo: aprender novamente a habitar a clareira em que o ser se desvela e se oculta, resistindo à tentação de confundir o excesso de informações com a manifestação da verdade e reconhecendo que o futuro do pensamento depende, em larga medida, de nossa capacidade de manter aberta a questão do ser.

Precisamente quanto à publicação deste dossiê, a expressiva visibilidade que a chamada pública da revista *Sapere aude* e sua proposta temática encontraram junto à comunidade filosófica e acadêmica evidencia, por si só, a vitalidade e a urgência das questões aqui colocadas por meio de treze (13) artigos selecionados. Recebemos um número significativamente elevado de submissões, circunstância que tornou necessária a publicação deste dossiê em dois tomos. O primeiro deles vem agora a público neste primeiro semestre de 2026; o segundo será publicado

no mês de setembro do corrente ano, permitindo acolher a riqueza e a diversidade das contribuições recebidas. Neste volume inaugural, o leitor encontrará textos de pesquisadores/as e professores/as elaborados para serem proferidos no *Simpósio de filosofia* da PUC Minas, ocorrido nos dias 26 e 27 de maio, e que teve o mesmo tema do presente dossiê da *Sapere Aude*, bem como as primeiras contribuições submetidas por meio do portal da revista. Tal configuração editorial não apenas atesta a amplitude do interesse contemporâneo pelo pensamento de Martin Heidegger, mas também manifesta, de maneira particularmente significativa, que a questão da verdade, do ser e dos destinos históricos do pensamento ocidental permanece aberta e continua a convocar novas interpretações, novos diálogos e novas formas de habitar filosoficamente o nosso tempo.

Este primeiro volume reúne contribuições de pesquisadoras e pesquisadores convidado, entre os quais figuram Déborah Moreira Guimarães (UFMG), Fernando Antônio Soares Fragozo (UFRJ), Laura de Borba Moosburger (UFMG), Marco Antônio Casanova (UERJ) e Robson Ramos dos Reis (UFSM). Somam-se a essas contribuições os trabalhos de Roberto Saraiva Kahlmeyer-Mertens (Unioeste), Wanderley Dias da Silva (Universidade do Porto), Janaína Laport Bêta (Colégio Pedro II – UFRJ), José Ricardo Barbosa Dias (UFPI), Leidiane Coimbra de Lima Castro (UFBA), Lucas Carvalho Lima Teixeira (Unicamp), Manuela Santos Saadeh (UFRRJ) e Rafael Dias (UFSC). Em sua diversidade institucional, geográfica e interpretativa, os textos aqui reunidos testemunham a vitalidade do pensamento heideggeriano nas universidades brasileiras. Mais do que um simples conjunto de estudos especializados, este dossiê manifesta a permanência de uma comunidade de pensamento que continua a encontrar em Heidegger uma fonte inesgotável de questões capazes de interpelar o presente e de abrir novos caminhos para o exercício da filosofia.

A todas e todos, uma excelente leitura!